

Realização:



Apoio:



2º Congresso de

História da Ciência e da Técnica

Desafios Contemporâneos



Programação &
Caderno de Resumos



10 a 12 de abril de 2019

Edifício Eurípedes Simões de Paula (História e Geografia),
Cidade Universitária, Universidade de São Paulo

CECÍLIA HULSHOF. Pós-graduanda. Universidade de São Paulo (USP).

16.3 Ruptura ou continuidade: as controvérsias em torno da Condenação parisiense de 1277.

ST16 - Relações entre Ciência e Religião. Sexta-feira, 12 de abril, 15h - 16h30. Sala 11.

Quando as obras de Aristóteles começaram a ser recuperadas no Ocidente medieval, a partir do século XI e principalmente no XII, pelo contato com os árabes, alguns conflitos entre a filosofia aristotélica e a doutrina cristã vieram à tona. Por esta razão, no século XIII ocorreram diversas condenações, que a princípio proibiram as obras de filosofia natural no ensino, mas que, diante do insucesso, passaram a determinar os pontos de conflitos, condenando especificamente o que contradizia a doutrina. Dentre estas condenações, a de 1219 artigos que ocorreu em Paris em 1277 adquiriu um grande vulto, e tem sido avaliada de formas diversas. Alguns autores, como Jean Gimpel, consideraram-na como um bloqueio ao desenvolvimento científico, por ser um entrave à liberdade. Por outro lado, Pierre Duhem, fundador do campo historiográfico da ciência medieval, a avaliou de forma exatamente oposta, como o marco inicial da ciência moderna, por ter possibilitado o distanciamento em relação à filosofia natural aristotélica. Em estrita relação com este debate está a "questão medieval", uma discussão sobre as continuidades e rupturas da história da ciência na passagem da Idade Média para a Moderna. Neste trabalho, apresentaremos estas questões, o seu contexto e a historiografia relacionada a elas, através de uma visão que busca superar esta controvérsia reconhecendo a constante dialética entre rupturas e continuidades.

CELSE GARCIA DE ARAÚJO RAMALHO. Professor. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Coautoria: Tiago Vidal Corrêa.

1.3 Quando técnica e ciência sambam...

ST1 - Ciência e Arte. Sexta-feira, 12 de abril, 14h - 15h. Sala 10 (História).

As produções culturais humanas são proveniências da capacidade criativa de inventar um habitat poético, a cultura da ciência e técnica edificam-se desde uma relação originariamente poética. Promovemos o apelo da criação procurando auscultar um lugar de habitação originário. Desdobrando as articulações entre ciência e técnica como condicionantes para construção do itinerário de pensamento no contexto hegemônico da Cultura Ocidental, encontraremos os processos de mensuração, racionalização, identificação e representação, entre outros, como determinantes para definição do que é conhecimento, saber e fazer ciência do poético. Neste roteiro investigamos as bases técnico-científicas da música. Os cortes disciplinares abarcam duplamente a ciência como o que produz saber e a questão que recai sobre o que é próprio à ciência. Questionamos música a partir da unidade do próprio em contraposição ao olhar fragmentador analítico-científico. Será a essência da técnica a funcionalidade e a razão da ciência a emergência da representação paradigmática do saber? Traremos as contribuições de Aristóteles, Heidegger, Pareyson, Manoel de Barros e Cartola para pensar música como inauguração de memória que é primordialmente: ciência. Dando ouvidos ao samba de Cartola desafiamos toda virtuosidade analítico-científica e técnica do academicismo logocêntrico e teleológico. Junto ao lugar em que ciência e técnica "sambam" refletimos desde a origem, rasurando a dicotomia teoria e prática. Nossa percepção marcada pela Ciência Moderna diz desde o samba ou projeta modos pré-conceituais e pré-determinados? Essa pesquisa teve apoio da FAPERJ.

CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS. Professor. Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Coautor: Wellington Bernardelli Silva Filho. Professor. Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

3.5 Uma praga em migalhas: formigas, colonizadores e a disputa pelo Novo Mundo no século XVI.

ST3 - Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Quarta-feira, 10 de abril, 14h - 16h30. Sala de Vídeo (História).

Esta comunicação pretende analisar as descrições de formigas feitas pelos colonizadores portugueses e espanhóis no Novo Mundo (século XVI). Utilizamos como fontes documentais memórias, cartas, tratados e crônicas escritas por colonizadores e missionários. A partir de tais informes, observamos o fascínio dos colonizadores com a organização e diversidade de formigas, a aparição da superpopulação destes insetos e a relação deste fenômeno com cultivos europeus. Analisamos também as técnicas e táticas utilizadas para combater tais insetos, o uso terapêutico dos mesmos e o combate às chamadas formigas guerreiras. Este grupo de insetos foi, provavelmente, o que mais competiu com os europeus pelo domínio do ambiente. A investigação das relações entre ambos nos permite aprofundar a compreensão do processo colonial na América.